

# MÍSTICA E PSICOLOGIA VIAGEM RUMO AO CENTRO MÍSTICO DA ALMA EM DIREÇÃO A DEUS

(Mystic and Psychology: Journey to the Center Mystic of the soul, toward God)

**Célia Aparecida de Paula Miyoshi**

Bacharel em Teologia

Licenciatura Plena em Filosofia.

E-mail: celiamiyoshi@uol.com.br

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender e descrever a experiência mística da pessoa humana, em uma perspectiva individual mística e psicológica. O ponto de partida desta reflexão é a doutrina de Teresa de Jesus (1515-1582), espanhola, fundadora da Ordem do Carmelo Descalço, mística, santa e doutora da Igreja e a visão da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1962), suíço, conferencista internacional, psicólogo, médico e psiquiatra. A finalidade, portanto, de toda pesquisa é mostrar como ambos descrevem a mesma realidade, isto é, o centro místico da alma da pessoa humana, se bem que em linguagem diferentes. Na mística de Teresa, o centro místico da alma é o próprio Deus quem está no centro e na psicologia analítica de Jung, o centro místico da alma é o “Selfbat” (Si-Mesmo), que é o centro do ser humano.

**Palavras-Chave:** Mística. Psicologia. “Selfbat” (Si-Mesmo). Pessoa Humana.

## ABSTRACT

This article aims to understand and describe the mystical experience of the human person, an individual perspective mystical and psychological. The starting point of this reflection is the doctrine of Teresa of Jesus (1515-1582), Spanish founder of the Order of Discalced Carmelites, mystic, Saint and doctor of the Church and the vision of analytical psychology Carl Gustav Jung (1875-1962), Swiss international lecturer, psychologist, physician and psychiatrist. The purpose, therefore, of all research is to show both describe the samerealy, namely, the mystical center of the human soul, although albeit in different language. In mystic Teresa, the mystical center of the soul is Gold himself who is at the center and in Jung’s analytical psychology, the mystical center of the soul is the “Selfbat” (the Self), Which is the center of the human being.

**Keywords:** Mystique. Psychology. “Selfbat” (the Self). Human Person.

## INTRODUÇÃO

Iniciaremos nossa reflexão, descrevendo as definições da mística nas Obras teresianas e junguianas.

A palavra mística pode designar realidades ocultas, secretas, misteriosas e neste sentido, convém notar que a raiz da palavra mística, *mistikós*, significa conhecimento direto e experimental de Deus em seus mistérios.

Etimologicamente, *mística* provém de *myô*. Este verbo significa o procedimento de fechar os olhos e olhar para o interior. Daí se deriva, sobretudo, o tipo de *mística* do mergulho no divino.

**Mística** quer dizer antes de tudo aquilo que se refere à celebração dos mistérios cristãos. **Místico** é aquilo que tem relação com os santos mistérios, e eles o aplicaram, sobretudo, para expressar a transformação operada nos cristãos através dos sacramentos: batismo, eucaristia, etc...

A *mística* é a parte da ciência espiritual que tem por objeto a teoria e a prática da vida contemplativa, desde a primeira noite dos sentidos e da quietude até o matrimônio espiritual.<sup>1</sup>

Por *mística*, entendem-se também os segredos da graça nas almas, ou seja, aqui se entende por *mística* toda comunicação sobrenatural com Deus, através da fé que adere à sua palavra, da esperança e do amor que conduzem a Ele e da graça que nos faz participar de sua vida.

Os místicos, que conhecem a alma por dentro, não se enganam. Ouçamos Santa Teresa d'Ávila: "Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de limpidíssimo cristal. Neste castelo existem muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas".<sup>2</sup> E acrescenta: "Por agudas que sejam, as nossas inteligências não chegam a compreendê-la verdadeiramente (a beleza da alma), assim como não compreendem a Deus. É ele próprio quem diz nos ter criado à sua imagem e semelhança".<sup>3</sup> O místico é alguém que se sente atraído e seduzido por Deus.

Para Leonardo Boff<sup>4</sup>, a *mística* bíblica é uma *mística* dos olhos abertos e das mãos operosas para servir a Deus.

A *mística* cristã gera um conhecimento mais íntimo e profundo de Deus e dos seus mistérios, o místico tem uma percepção quase experimental e direta da presença de Deus.

Este movimento de atração e de atenção voltada para o interior, não afasta o místico cristão dos homens, pelo contrário, quanto mais ele está no centro de si mesmo, mais próximo se encontra dos irmãos, pois, o amor de Deus o impele a acolher, a servir e a amar a todos com o mesmo amor de Deus.

A *mística* diz respeito a uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica (Plotino)<sup>5</sup>, que se desenrola normalmente num plano transracional – não aquém, mas além da razão. Por outro lado mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo. Orientadas pela intencionalidade própria dessa original experiência que aponta para uma realidade transcendente, essas energias elevam o ser humano as mais altas formas de conhecimento e de amor, que lhe é dado alcançar nessa vida.

A *mística* psicológica volta-se para a interioridade do sujeito, para, no mais profundo de Si-mesmo, encontrar a faísca da divindade. "Somos todos parte do divino. Deus está em cada um de nós. Não há separação entre Deus e nós"<sup>6</sup>, diz Shirley MacLaine que é uma *mística* de mergulho no próprio eu, onde se encontram o repouso, a tranquilidade,

a paz interior em oposição ao mundo agitado ruidoso. A identidade profunda, a essência mais íntima de si, é o mistério, próprio eu apreendido na sua última consistência.

Mística também é algo simbólico ou simbolizado. Ou algo expresso através de símbolos. No que diz respeito ao culto pode-se usar a expressão mística por dois motivos: primeiro, porque se refere aos mistérios, segundo, porque esses mistérios se exprimem através de símbolos. Em um símbolo temos dois elementos que são: o invisível e o sensível. Os sacramentos são sinais sensíveis da graça invisível. O termo mais importante do uso místico, dentro dessa concepção, é a “leitura e busca do sentido místico da Sagrada Escritura”<sup>7</sup>, onde cada texto da Escritura tem sempre um sentido simbólico que revela uma realidade escondida, sob a aparência do sentido histórico, exemplo: Cânticos dos Cânticos.

## **1. A EXPERIÊNCIA MÍSTICA**

Sobre a oração de união (um grau além da “oração de quietude”), Teresa escreve: “...Apodera-se Deus da vontade e também do entendimento” (LV, XVII, 5)<sup>8</sup>. Teresa conscientiza-se claramente do fato de que Deus toma a iniciativa. Ele mesmo a atrai para dentro. Ele mostra o caminho.

Trata-se, sem a menor dúvida, de uma experiência mística que se distingue de outras similares pelo fato de sua preparação consistir em um deixar correr, em um esvaziar-se de imagens, e coisas semelhantes.

Haverá necessidade de que o místico cristão seja cristão e que sua experiência mística seja estreitamente ligada com os valores cristãos, para que também nela – onde quer que se determine – possa ser reconhecida como cristã.

Existe uma infra-estrutura antropológica da experiência mística cristã “sobrenatural”. É possível assinalar no dinamismo da vida do espírito, enquanto aberto ao bem e a verdade absolutos, a possibilidade (natural) positiva da experiência mística. Autores como Blondel, Marechal, Picard inclinaram-se claramente para a resposta afirmativa e sua pesquisa foi recentemente assumida por Rahner.<sup>9</sup>

A experiência mística é uma experiência da paixão. Ainda que se trate de uma paixão da alma, ela se expressa pelos tormentos das paixões humanas. O indizível aspira desesperadamente pelo dizer. Não há experiência mística que não rebata o desconforto da escassez que, de repente, assola o mundo; a impossibilidade da palavra (seriam preciosos, tal experiência pode se dar somente nos casos muito raros de uma conversão milagrosa que tem por modelo básico a vivência de Paulo em Damasco)<sup>10</sup>; a incerteza abrasiva das imagens. É que o processo da vida espiritual só vem resgatado pela união transformante, mas é necessário primeiro provar este caminho purgatório que a teologia negativa designa pelas metáforas da noite, da nuvem, da nuvem do não-saber, da ausência, do silêncio.

Para Santa Teresa é um caso típico dessa crise de passagem do “sentir-compreender” ao “comunicar”. A redação do livro da Vida foi a prova de fogo da sua experiência mística. E na hora de comunicar a sua experiência, nem os livros e nem os letrados lhe ajudam

nessa obra. Os letrados, não a ajudam, porque privados de experiência não entendem a sua experiência; os livros por sua vez também não a ajudaram a compreender aquilo que para Teresa era inefável<sup>11</sup>. Em resumo, nem os livros conseguiam responder o que Teresa precisava, nem os teólogos conseguiam compreender a sua experiência mística, e esses julgam, dizendo que tudo é diabólico e a condenam a elaborar posteriores relações escritas sobre a sua oração, e a remeteram para novos especialistas; os jesuítas, isto é, passaram dos teólogos para os espirituais.

Portanto, para o místico, é comunicar uma realidade mística. Provém do ter recebido uma graça no nível místico. Ela descobre que a graça que ela recebeu, é destinada aos outros, é que nos diz no livro da Vida:

[...] Não costumais, Senhor, conceder semelhantes riquezas e benefícios a uma alma a não ser para que muitos aproveitem. Já sabeis, Deus meu, que com toda a vontade e de todo coração eu Vos suplico, e tenho suplicado algumas vezes: não me importo de perder o maior bem da terra desde que concedeis essas graças a quem delas tire maior benefício para que cresça Vossa glória.<sup>12</sup>

Ela chega à conclusão que as inúmeras graças que recebeu, não eram para ficarem restritas a ela, mas para que atingissem a todos que a rodeiam.

## **1.1. O HOMEM DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS QUE O LEVAM PARA A SUA INTERIORIDADE**

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o Amor é capaz de engendrar a Alma, mas também o Amor precisa da Alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas das nossas feridas e dos nossos sofrimentos, precisamos em primeiro lugar amar a nossa alma, assim como ela é.

Deste modo, é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Então, a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Enfim, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do íntimo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia.

Jung conheceu o caos da depressão e viveu o último estágio da dor humana. Foi a dor que o salvou. Bendita dor. Nunca alguém o tinha visto chorando, mas agora ele aprendeu a “santa” linguagem das lágrimas.

Jung procurou ajuda e começou a caminhar pelo labirinto de sua alma. Andou por lugares nunca antes pisados. Caminhou pelas vielas do seu próprio ser e descobriu que

nunca tinha sido forte. Quando começou a entender que a grandeza de um homem está em compreender e aceitar os limites de sua real dimensão, encontrou o horizonte.

Sua emoção começou a brilhar. Passou a conquistar as pessoas, não pelo poder, mas pelo amor e diálogo.

O “rei” perdeu seu trono, mas ganhou o coração dos que o rodeavam. Tornou-se um admirável ser humano. Ficou pequeno por fora, mas grande por dentro.

## **1.2. ESPIRITUALIDADE A PARTIR DE SI MESMO**

A espiritualidade de cima nasce do anseio do homem por tornar-se sempre o melhor, por subir sempre mais alto, por chegar cada vez mais perto de Deus. Esta espiritualidade foi adotada, sobretudo na teologia moral dos três últimos séculos e na ascese, tal como ensinada a partir da era iluminista. A espiritualidade de cima apresenta-nos os ideais que devemos buscar, e que, em última análise, devemos cumprir. Os ideais existem para descobrirmos as possibilidades que Deus nos deu. A juventude sempre se mostrou capaz de entusiasmar-se. A excitação da alma é uma força que faz a pessoa crescer, que a faz treinar e aumentar suas capacidades. Quando faltam os ideais que despertam admirações, a juventude adocece. Por isso, ela irá sentir necessidade de outras coisas para sentir-se viva, irá recorrer à destruição e à violência para se transpor.

Os grandes exemplos de vida foram vividos pelos santos ao longo da história. Quando encontra modelos, a confusão interior dos jovens se acalma. Entretanto as diversas forças dentro deles se organizam em torno do ideal vivido por quem lhes serve de modelo.

Os modelos trazem ao jovem apoio e orientação. E o põem em contato com sua própria força, com as possibilidades que Deus colocou neles.

Mas um dia chega o momento em que a espiritualidade de cima tem que se unir à espiritualidade de baixo para poder permanecer viva, do contrário, a pessoa cai na divisão interior e fica enferma.

Na Bíblia, Deus nos mostra de que somos capazes quando nos deixamos levar por seu espírito. Os ideais do Sermão da Montanha<sup>13</sup> podem servir de exemplo para estas promessas. Só seremos capazes de pô-los em prática quando, em nossa existência real, houvermos experimentado que somos filhos e filhas de Deus.

## **1.3. AS BASES DA ESPIRITUALIDADE DE BAIXO**

Para conhecer o verdadeiro Deus e ir ao seu encontro, os primeiros monges começaram convivendo com as próprias paixões, começaram pelo conhecimento de si próprios. Evárgio Pôntico formula esta espiritualidade de baixo na clássica frase: “Se queres chegar ao conhecimento de Deus, trata de antes te conheceres a ti mesmo”.<sup>14</sup> O subir até Deus passa pelo descer até a própria realidade e pelo chegar às profundezas do inconsciente.

A espiritualidade de baixo manifesta-se com clareza, sobretudo nas parábolas de Jesus. Na parábola do tesouro no, campo, Jesus nos mostra que o tesouro, o nosso próprio eu, a imagem que Deus faz de nós, pode ser encontrado precisamente no campo, na terra, na lama (Mt 13,44ss). Temos primeiro que sujar as mãos, temos que cavar a terra, se quisermos encontrar o tesouro que existe em nós.

Outra parábola que Jesus emprega para fundamentar a espiritualidade de baixo é a do joio no meio do trigo (Mt 13,24-30).

Carl Gustav Jung lembra que o caminho da encarnação passa pelo descer ao mundo inferior, ao inconsciente. Ele próprio cita Ef 4,9: “Mas que significa este ´subir` senão que antes ele desceu a esta terra”?<sup>15</sup> E acha que a psicologia, malvista e injuriada por tantos cristãos visa exatamente isto. Pinta-se “a psicologia com as cores mais pretas possíveis, porque ela ensina – em perfeita consonância com o símbolo cristão – que ninguém pode subir sem que tenha descido antes”<sup>16</sup>. Jung lembra que Cristo, como o grande renovador, foi julgado com os criminosos.

Só poderemos assinalar a novidade de sua mensagem se estivermos prontos a nos deixar contar entre os criminosos, se nos reconciliarmos com o criminoso que existe em nós.

O caminho para Deus, segundo Jung, passando pela descida às próprias trevas, leva-nos ao inconsciente, à região sombria do Hades. Partindo daí, o eu pode retornar com abundantes riquezas, assim como na lenda da Maria de Ouro<sup>17</sup> que cai no poço, encontra lá embaixo o ouro e retorna com uma nova riqueza para o mundo de cima. Para Jung é uma lei da vida que só podemos encontrar o caminho para o nosso eu e para Deus quando temos coragem de descer às nossas sombras e às trevas do nosso inconsciente.

Já para Dürckheim<sup>18</sup>, este caminho passa também pela coragem de descer às próprias sombras, à própria solidão e à própria tristeza.

Os dois mundos apontam-nos para o caminho da espiritualidade de baixo. Então temos que descer até o fundo para descobrirmos uma nova fonte para a nossa vida, temos que descer para podermos renovar a vida que se tornou vazia e ressequida. A força da transformação nós encontramos lá embaixo. Muitas vezes, só o desespero ou um fracasso é que me força a percorrer o caminho para baixo, para aí encontrar a fonte.

## 2. MEDITAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO NA SAGRADA ESCRITURA

### 2.1. MEDITAÇÃO

A palavra “meditação”, tomada do latim (*meditatio*), na sua forma verbal *meditari* é apresentada com o grego *médomai*, que significa “pensar em algo”, “refletir”, “cuidar de algo”. Na linguagem bíblica, *meditari* é também a tradução do grego *meletân*, usado com frequência pela LXX; significa exercitar “assiduamente” e “estudar”. A Bíblia hebraica usa a palavra *hagga* no sentido de murmurar, suspirar, dizer a si mesmo algo meio alto. Meditação contém, portanto, desde a perspectiva histórica, os elementos da reflexão, exercício de auscultar e repetição contínua<sup>19</sup>. Une o elemento acústico com o espiritual. A reflexão e a recordação faladas voltam-se para a Lei e as ações salvíficas do Senhor para com o seu povo.

O Novo Testamento usa a palavra *meditari* só muito raramente. E. von Severus<sup>20</sup> conclui daí que os apóstolos quiseram conscientemente distanciar-se da atitude de piedade exteriorista dos fariseus. Para o centro da meditação entra a figura de Jesus, a sua referência às promessas messiânicas dos profetas do AT, a elaboração do paradoxo da cruz, os mistérios salvíficos da morte, ressurreição e ascensão. O conhecimento do mistério de Jesus Cristo nutre-se da luz interna do encontro com o Ressuscitado, que patenteia aos discípulos o sentido da Sagrada Escritura (Lc 14,27), promete-lhes e envia-lhes o Espírito Santo, que os introduz em toda verdade (Jo 14,26).

Pela meditação podemos contemplar a imagem de Deus nos poderes naturais da alma (memória, intelecto e vontade). A meditação (*meditatio*) é o recolhimento da alma em si mesma e que tem por objetivo a imagem de Deus.

Para Santa Teresa, a meditação discorre muito com o intelecto, da seguinte maneira: começamos a pensar na graça que Deus nos concedeu em nos dar o seu único Filho, e não paramos aí, avançando para os mistérios de toda a Sua gloriosa vida.<sup>21</sup>

A meditação mobiliza o pensamento, a imaginação, a emoção e o desejo. Esta dinamização é necessária para aprofundar as convicções da fé, suscitar a conversão do coração e fortalecer a vontade de seguir a Cristo.<sup>22</sup>

Esta é a grande diferença entre meditação e o estudo, porque o fim do estudo é a ciência, e o da meditação é o amor a Deus e a prática das virtudes.

A meditação da paixão não pode limitar-se a uma reconstrução objetiva do fato, embora interiorizada como procuramos fazer até aqui.

A leitura busca a doçura inefável da vida bem aventurada, a meditação encontra-a, a oração pede-a, a contemplação saboreia-a. Trata-se das palavras do próprio Senhor: “Procurai e achareis, batei e se vos abrirá” (Mt 7,7). Procurai e buscai lendo, encontrareis meditando; batei orando, entrareis contemplando.

Na psicologia de Jung<sup>23</sup>, a palavra “meditação” ou “*meditatio*” é usada quando ocorre um diálogo interior com alguém invisível que tanto pode ser Deus, quando invocado, como a própria pessoa. Não se refere a uma simples reflexão, mas a um diálogo interior e, portanto, uma relação viva com a voz do “outro” que responde, isto é, com o inconsciente. Meditar significa, portanto, que através de um diálogo com Deus a pessoa se espiritualiza, volatiliza e se sublima cada vez mais.

## 2.2. CONTEMPLAÇÃO

O caminho espiritual da contemplação e da união com Deus passa pelo ocupar-se com os pensamentos e as paixões. Pelo dom do Espírito Santo, o homem, sua fé, chega a contemplar e a saborear o mistério do plano divino.

A contemplação é o olhar de fé, fixado em Jesus. “Eu olho para Ele e Ele olha para mim”<sup>24</sup>, dizia, no tempo de seu santo pároco, o camponês de Ars em oração diante do sacrário. Esta atenção a Ele é a renúncia ao eu. Seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensina-nos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens. A contemplação põe também o seu olhar sobre os mistérios da vida de Cristo.<sup>25</sup>

Para Jung, a contemplação cristã procura, por exemplo, nos *Exercitia Spiritualia* de Inácio de Loyola, captar com todos os sentidos do corpo a forma sagrada, o olhar do contemplador pode penetrar as profundezas do mistério da alma, onde enxerga o que antes não podia ser visto, isto é, aquilo que se achava mergulhado num estado de inconsciência.

A contemplação mística se baseia, de um lado, no fato de que Deus pode agir diretamente na alma e, de outro, na possibilidade de que a alma realize operação simples de tipo intuitivo-afetivo. Todos os autores místicos admitem dois níveis de atividade da alma: um nível comum, onde se efetuam as operações do conhecimento racional e discursivo, e um nível superior, em que Deus se apresenta através de modo simples de conhecimento e de adesão. O modo de conhecer estes dois níveis e os nomes que lhes são dados diferem muitíssimo; entretanto, esta diversidade não impede acordo substancial.

A presença de Deus na alma é presença viva e ativa. Deus infunde continuamente nela as virtudes teologais da fé e da esperança e segundo as próprias palavras de Escritura, “o amor de Deus foi difundido em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). O dom da contemplação consiste, pois, essencialmente no fato de que a alma toma consciência de que Deus está presente e age sobrenaturalmente nela. Os modos e os graus desta tomada de consciência são múltiplos. Normalmente progride no sentido de interiorização cada vez mais profunda. Empregando o símbolo utilizado por Santa Teresa<sup>26</sup>, o castelo interior contém múltiplas estâncias; na estância central encontra-se Deus.

São João da Cruz fala da contemplação tenebrosa, fonte de purificação completa. O que vale para a contemplação mística vale também – com menor intensidade – para a simples oração contemplativa. Toda atividade contemplativa nos coloca na presença de Deus, que é Deus Santo. Como Pedro na presença de Jesus tomou consciência de que era pecador (cf. Lc 5,8), assim quem contempla, colocado na presença do Deus Santo, adquire consciência da distância infinita que o separa de Deus. Desperta nele o desejo de se converter e de chegar à santidade. Então, não se trata mais de exigência religiosa de imitar a santidade de Deus<sup>27</sup>.

O conhecimento do mistério de Jesus Cristo nutre-se da luz interna do encontro com o Ressuscitado, que patenteia aos discípulos o sentido da Sagrada Escritura (Lc 14,27), promete-lhes e envia-lhes o Espírito Santo, que se introduz em toda verdade (Jo 14,16). Portanto, a meditação abre-se assim para a contemplação e nela se consuma. A visão tida na contemplação é dom da graça do Espírito de Deus, que tudo sonda, também as profundezas de Deus (1Cor 2,10), ora em nossos corações (Rm 8,26) e capacita-nos para o amor. Do amor nasce àquela familiaridade e confiança de coração, à qual o Senhor se revela (Rm 14,21).

Em Paulo e João, a comunidade cristã das origens encontra os seus mestres da contemplação na escola única de um só Senhor, cuja vida, paixão e glorificação como tema transcendente de meditação e contemplação cristã jamais se pode esgotar.



### 2.3. HUMILDADE

A palavra latina *humilitas* está relacionada com *humus*, com terra. A humildade, portanto, é o reconciliar-nos com nossa condição terrena, é a coragem de aceitar a verdade sobre si mesmo, a humildade designa nossa relação com Deus e é uma virtude religiosa.

Para Basílio<sup>28</sup>, a humildade consiste no lema “conhece-te a ti mesmo”. Gregório de Nissa<sup>29</sup> acha que o homem só pode imitar a Deus em sua humildade.

A humildade para Agostinho<sup>30</sup> é reconhecer a própria dimensão e se conhecer a si próprio com honestidade. Na humildade o homem reconhece a dimensão que lhe foi dada, reconhece que é homem e não Deus: “Deus tornou-se homem. Tu, homem, reconhece que és homem! Toda tua humildade consiste em que te conheças a ti mesmo”.<sup>31</sup>

São Bento descreve o caminho para chegar mais perto de Deus, para ele, a humildade não é uma virtude que possamos alcançar, mas uma experiência que nos faz crescer, é a condição para uma autêntica experiência de Deus. É a experiência de si na experiência de Deus.<sup>32</sup>

Segundo São Bento<sup>33</sup>, a humildade é a imitação de Cristo, que se esvaziou a si mesmo e se tornou igual a nós homens (Fl 2,6ss). Na humildade, nós crescemos na atitude de Cristo, que não ficou preso à sua divindade, mas humilhou-se a si mesmo e fez-se obediente até à morte.

Para Jung, a humildade constitui, assim, um requisito essencial para a comunidade humana. A alguém que procura de qualquer maneira falar com ele, Jung escreve: “Se a senhora está sozinha, é porque se isolou; e se for bastante humilde, nunca ficará só. Nada nos isola mais do que o poder e o prestígio. Tente descer, seja humilde e jamais estará sozinha”.<sup>34</sup>

Para ele, a humildade é também a condição para podermos desenvolver a confiança nos outros, enquanto que o orgulho nos isola e nos exclui da comunidade humana. Só poderemos experimentar a comunhão com outras pessoas se estivermos dispostos a nos aceitarmos com nossos erros e nossas fraquezas. Enquanto tivermos que esconder nossas fraquezas, nós só seremos capazes de entrar em contacto com os outros de uma maneira superficial.

“Todos vós, em vosso mútuo tratamento, revesti-vos de humildade; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes” (Pr 3,34).

“Humilhai-vos, pois, debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele vos exalte no tempo oportuno” (1Pd 5,5b-6).

Assim a SS. Virgem confessou que Deus tinha operado nela grandes coisas e fez isso, ao mesmo tempo, para se humilhar e para dar glória a Deus. Minha alma, diz ela, glorifica o Senhor, porque têm operado em mim grandes coisas.<sup>35</sup>

Diz-se que um certo passarinho, por nome tataranho, tem uma virtude secreta, no seu grito e nos seus olhos, de afugentar as aves de rapina e crê-se ser esta a razão da simpatia que as pombas lhe dedicam. Assim nós também podemos dizer que a humildade é o terror de Satanás, o rei do orgulho, que ela conserva em nós a presença do Espírito Santo e de seus dons e que por isso foi tão apreciada dos santos e santas e tão querida dos Corações de Jesus e de sua Mãe.<sup>36</sup>

A humildade tem duplo fundamento: a verdade e a justiça: a verdade, que faz nos conhecermos a nós mesmos tais quais somos; a justiça, que nos inclina a tratar-nos em conformidade com esse conhecimento.

## **2.4. A ARTE DO PERDÃO**

A arte do perdão é como refrescamento para a alma. Chegamos à última implicação da primeira frase de Jesus na cruz. Sua capacidade de perdoar refrescava a sua alma e o tornava o mais leve dos homens. Quando pediu para seu perdoar seus inimigos, já os havia perdoado primeiro.

Ele anulou todo o ódio por eles. Rompeu a “duplicata” da arrogância, prepotência e orgulho dos homens que o feriram. Nós abandonamos as pessoas, mas Ele jamais as abandonava.

Freud e Jung eram dois amigos. Jung colaborava com o pai da psicanálise. Freud era uma pessoa muito sociável. Escrevia milhares de cartas aos seus amigos. Poucas pessoas cultivavam amigos como ele. Porém, sua paciência e tolerância tinham limites bem definidos. Um dia ele teve problemas com as ideias de Jung. Não as aceitou porque elas não seguiam as avenidas teóricas que ele havia traçado. Então uma belíssima amizade findou-se. A amizade deles não suportou o calor de suas diferenças.

Perdão e compreensão não são atributos dos fracos, mas ingredientes universais para o sucesso das relações interpessoais sejam entre intelectuais ou entre membros de tribos primitivas. Sem a psicologia do perdão, as pessoas que nos decepcionam vão se tornando “monstros” no solo de nosso inconsciente.

Qual é a maior vingança contra um inimigo? A resposta é muito simples, é perdoá-lo. Se o perdoa, ele morre dentro de você e renasce não mais como inimigo. Caso contrário, ele dormirá com você e roubará seu sono, comerá com você e destruirá seu apetite.

Jesus era uma pessoa flexível. Se alguém bloqueasse a porta de entrada, não gastava energia com o confronto, ele procurava as janelas. Quanto mais lhe fechavam a porta de entrada, mais ele abria as janelas do fundo. Comece por abrir as janelas de sua mente.

Jesus morreu sem guardar mágoas de ninguém, nem mesmo tinha cicatrizes inconscientes na sua memória.

Lucas, 7,47, diz: “Por esta razão, eu te digo, seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Mas aquele a quem pouco foi perdoado mostra pouco amor”.

## CONCLUSÃO

“Karl Rahner escreveu que “o homem espiritual de amanhã será um *místico*, alguém que experimenta algo”. Eu acrescentaria que esse místico será um místico da alma, um místico da interioridade. No decorrer da história do cristianismo, esta mística sempre existiu, e encontrou seu apogeu em santa Teresa d’Ávila”. *Dr. Leon Bonaventure*.<sup>37</sup>

O homem, providência ou não, ao mesmo tempo em que evoluiu de maneira surpreendente nestes últimos três séculos (XIX, XX e XXI) no conhecimento científico-tecnológico (por exemplo: a Física Quântica, Teoria da Relatividade de Albert Einstein, televisão, computadores, transmissões via satélite, conquista do espaço sideral, aviões, energia nuclear, etc.), no conhecimento genético, neurológico, cardiovascular (por exemplo: a clonagem, o exame de D.N.A. para determinar a paternidade, intervenções cirúrgicas no coração, inclusive do “feto” dentro do útero da mãe, o “Genoma”, etc.), evoluiu, também, na busca de algo que dê sentido a sua Existência.

Mesmo com o secularismo (fenômeno histórico dos últimos séculos pelo qual as crenças e instituições religiosas se converteram em doutrinas filosóficas e instituições leigas), ou o ateísmo (falta de crença em Deus), não é mera coincidência que nestes mesmos séculos surgiram novas denominações religiosas buscando apaziguar e dar respostas ao sentido da existência humana.

Atualmente, após alguns anos da passagem do milênio, verificamos uma valorização e busca do transcendente, do místico, do esotérico, do mágico para resolver os problemas urgentes (por exemplo: o desemprego) e que possivelmente pode levar o ser humano a umas experiências religiosas superficiais, ilusórias e enganadoras.

Teresa e Jung nos apontam como primeiro passo essencial, para uma experiência religiosa profunda envolvendo todo o ser da pessoa, um contínuo autoconhecimento para que o homem possa distinguir aquilo que lhe é próprio, aquilo que é do outro e aquilo que lhe é transcendente (entendido aqui como ser transcendente que podemos chamar de Deus, tanto no sentido metafísico-filosófico quanto no teológico-cristão).

Esta viagem rumo ao centro místico da alma em direção a Deus não se dá fora, mas sim dentro, no profundo, no centro do ser humano. Por isso defendemos a tese de que o centro místico da alma da pessoa humana é o lugar em que há o encontro consigo mesmo, é o lugar de experiência do Transcendente e o meio que leva a esta experiência, além de um profundo e contínuo autoconhecimento, é o caminho da oração que o leva a comunhão com Deus, consigo e com o próximo.

## BIBLIOGRAFIA

*A Bíblia do Peregrino*. 6ª edição. São Paulo Paulinas, 1993.

BOFF, Leonardo - Frei Betto. *Mística e Espiritualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994. 167p.

BONAVENTURE, Léon. *Psicologia e Vida Mística*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 240p.

CANTALAMESSA, Raniero. *A vida em Cristo*. Trad. Maurício Ruffier. São Paulo: Loyola, 1998. 253p.

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1999. 934p.

CURY, Augusto Jorge. *Análise da Inteligência de Cristo: o Mestre do Amor*. 233p.

\_\_\_\_\_. *Revolucione sua qualidade de vida: navegando nas águas da emoção*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 192p.

De GRANDIS, Pe. Paul Robert – Fitch Ann Ross. *Caminhando na Luz*. Campinas: Raboni Editora Ltda, 1993. 243p.

EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. 1036p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995. 790 p.

FIORES, Stefano de; GOFFI. Tullo. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. 1205p.

GOLEMAN, Daniel. *A Arte da Meditação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 229p.

GRÜN, Anselm; DUFNER Meinrad. *Espiritualidade a Partir de Si Mesmo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 127p.

HUMBERT, Elie G. *Jung*. São Paulo: Summus, 1985. 149p.

JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 1149p.

JUNG, Carl Gustav. *A natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1984. 402p.

\_\_\_\_\_. *Mysterium Coniunctionis*. Petrópolis: Vozes, 1985. 326p.

\_\_\_\_\_. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria L. Pinho. São Paulo: Nova Fronteira, 1989. 317p.

\_\_\_\_\_. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis, Vozes, 1980. 698p.

\_\_\_\_\_. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1988. 166p.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 566p.

\_\_\_\_\_. *Presente e Futuro*. Petrópolis: Vozes, 1988. 55p.

KOWALSKA, Santa Maria Faustina. *Diário – A Misericórdia Divina na minha*. Curitiba: Imprimatur, 1995. 509p.

LIBANO, João Batista. *A Religião no Início do Milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. 283p.

MICHAELIS – *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. 1358p.

SALES, Francisco de. *Filotéia ou Introdução á Vida Devota*. São Paulo: Vozes, 2002. 453p.

STEVENS, Anthhony Jung. *Vida e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1993. 123p.

TANQUERY, AD. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Pôrto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1940. 995p.

TERESA D'Avila. *Obras Completas*. Trad. Frei Tomás Alvarez, Ocd. São Paulo: Carmelitas & Loyola, 1995. 1830p.

WOLF, Hanna. *Jesus na perspectiva da psicologia profunda*. São Paulo: Paulinas, 1994. 292p.

## NOTA

---

<sup>1</sup>Cf. TANQUERY, AD. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Pôrto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1940, p. 7.

<sup>2</sup> Curso Noções de Vida Espiritual, Mosteiro das Carmelitas Descalças do Jabaquara, São Paulo, p. 12.

<sup>3</sup> Curso Noções de Vida Espiritual, Mosteiro das Carmelitas Descalças do Jabaquara, São Paulo, p. 90.

<sup>4</sup> Cf. BOFF, Leonardo; BETO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco 1994, p. 20.

<sup>5</sup> LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 96-97.

<sup>6</sup> LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 97.

<sup>7</sup> Curso Noções de Vida Espiritual, Mosteiro das Carmelitas Descalças do Jabaquara, São Paulo, p.53.

<sup>8</sup> Revista Innerlijk Leven. Edição do Centro de Estudos Carmelitanos, n. 3-5 (set/out 1978), Bélgica, p. 36.

<sup>9</sup> Cf. Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1993, p. 778.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/com/52/percur/noticia.asp?jornalid=52&noticiaid=12893>. Acesso em 24 de agosto de 2004.

<sup>11</sup> Cf. AA.VV. *Vita cristiana ed esperienza mistica, Teresianum*: Roma, 1982, p. 115. (Síntese e Tradução – Frei José Cláudio Rodrigues, ocd.)

<sup>12</sup> Livro da Vida, In: *Obras Completas de Santa Teresa d'Avila*. São Paulo: Loyola, 1995, cap. 18, n. 4.

<sup>13</sup> Cf. GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 16.

<sup>14</sup> GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 7.

<sup>15</sup> *Ib.* p. 48.

<sup>16</sup> *Ib.* p. 48.

<sup>17</sup> Cf. GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 48.

<sup>18</sup> *Ib.* p. 56.

<sup>19</sup> Cf. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993, p.535.

<sup>20</sup> *Ib.* p. 535.

<sup>21</sup> Cf. Revista Innerlijk Leven, Edição do Centro de Estudos Carmelitanos, Bélgica, n. 32-69, p. 96, [nov/dez] 1978.

<sup>22</sup> Cf. TRESE, Leo J. *A fé explicada*. São Paulo: Quadrante, 1999, p. 452.

<sup>23</sup> Cf. JUNG, C. Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991 – 4. ed., p. 286.

<sup>24</sup> TRESE, Leo J. *A fé explicada*. São Paulo: Quadrante, 1999, p. 452.

<sup>25</sup> Catecismo da Igreja Católica, São Paulo: Loyola, 1999, n. 2715, p. 696.

<sup>26</sup> Cf. FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1993, p. 187.

<sup>27</sup> *Ib.* p. 191.

<sup>28</sup> Cf. GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 36.

<sup>29</sup> Cf. *Ib.* p. 36.

<sup>30</sup> Cf. *Ib.* p. 36.

<sup>31</sup> *Ib.* p. 37.

<sup>32</sup> Cf. GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 38.

<sup>33</sup> Cf. *Ib.* p. 50.

<sup>34</sup> *Ib.* p. 50.

<sup>35</sup> Cf. SALES, S. Francisco de. *Filotéia ou Introdução à Vida devota*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 193.

<sup>36</sup> Cf. SALES, S. Francisco de. *Filotéia ou Introdução à Vida devota*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 187.

<sup>37</sup> WINCKEL, Erna van de. *Do inconsciente a Deus ascese cristã e psicologia*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 14.